



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

RANI DE OLIVEIRA SALDANHA

(depoimento)

2014

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Número da entrevista: E-442

Entrevistada: Rani de Oliveira Saldanha

Local da entrevista: Centro Olímpico – São Paulo

Entrevistadoras: Caitlin Davis Fisher e Nadja Marin

Data da entrevista: maio de 2014

Transcrição: Guerreiras Project

Copidesque: Isabela Lisboa Berté

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 28 minutos

Páginas Digitadas: 10 páginas

Observações:

Entrevista realizada pelo coletivo Guerreiras Project com o objetivo de gerar a produção de um vídeo sobre futebol e mulheres no Brasil.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em agosto de 2014.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada

Sumário

Situação atual do futebol praticado por mulheres no Brasil; Fim do departamento de futebol de mulheres do Santos Futebol Clube; Futebol como uma oportunidade de estudar e trabalhar; Possibilidade de meninas pequenas ingressarem em escolinhas de futebol no Brasil;; Significado da palavra guerreira; Importância da sua história para incentivar outras pessoas; Dificuldades e superação no futebol de mulheres.

R.S. – Hoje eu vejo que as coisas melhoraram bastante. Eu vejo que existem algumas pessoas que querem apoiar, mas às vezes não conseguem por existir um pouco de preconceito de alguém da mesma organização. Ou, por ventura, por algumas atitudes de algumas mulheres durante o esporte. Porque assim: as pessoas veem muito futebol masculino, como veem o basquete masculino, como veem o vôlei masculino. E às vezes, as pessoas taxam o futebol feminino como se fosse um futebol como: “Ah, elas só brigam, só xingam, só isso.” Então, realmente: “É mulher macho, é isso, é aquilo.” E não, tem o seu lado bom também. No masculino também acontece a mesma coisa: quantas vezes a gente assiste na televisão, na própria Globo, na própria EsporteTV, homens brigando com homens dentro de campo? Botando o dedo na cara do outro? Cuspindo o outro e dando cabeçada? Existem grandes exemplos, um deles que era um dos favoritos do mundo, Zinédine Zidane e aquela cabeçada que ele deu no jogador do outro time. Eu acho que o esporte para quem vive, para quem joga, quando ele leva a sério, no calor do jogo às vezes você não raciocina para ter uma atitude correta, e aí você acaba tendo uma atitude errada. Mas em prol disso eu acho que os homens, hoje em dia, até que estão apoiando mais. Eu tenho ido a jogos, jogar às vezes, até mesmo assistir, e eu estou vendo que as arquibancadas estão muito mais cheias do que eram antigamente. Antigamente quem ia era pai, mãe, tio, avô, um amigo próximo, uma amiga, pessoas mais próximas da gente, do nosso convívio. Hoje não, hoje a gente entra em um estádio e a gente vê que tem pelo menos 50, 60, 100 pessoas, e que dessas 100 pessoas não são apenas familiares, são pessoas que são amantes do esporte, do futebol. Tem muita gente que se esconde atrás disso... Gosta, mas, às vezes, não fala que gosta pelo preconceito daquele que está ao lado.

C.F. – Você acha que a imagem do futebol feminino é importante? Como que isso afeta as pessoas?

R.S. – Eu acho que a imagem é importantíssima. Eu acho que as pessoas têm que ter postura, têm que saber se vestir, têm que saber andar, têm que saber falar, têm que saber tratar as pessoas bem. Eu acho que se as pessoas seguissem isso, a mídia focaria muito mais no futebol feminino, porque já diz o nome: futebol feminino. Eu acho que é independente da opção sexual de cada uma, eu acho que as mulheres deveriam pensar que nós somos mulheres. Não é porque eu sou mulher que eu tenho que andar igual homem, ir

para o jogo igual homem, ter vestimentas, roupas iguais de homem, ou falar igual homem. Eu acho que por ser futebol feminino, deveria ser uma coisa falada com delicadeza. Eu acho legal a mulher ir para o jogo bem vestida, de batom, maquiada, bem penteada. Eu acho que isso seria importante. Quem trabalha com a mídia, jornal, esses canais de rede, eles não estão preocupados se uma está mal vestida e a outra está bem vestida. Não! Eles estão preocupados com aquela que está bem vestida. Se eles tiverem que fotografar alguém, eles vão fotografar aquela que está bem vestida. Aquela que chama mais atenção e não aquela que está mais ou menos. Então eu acho que se a cabeça das pessoas fossem voltadas para isso, eu acho que a mídia levaria um pouco mais a sério o futebol feminino... Nesse aspecto do preconceito. Em relação ao esporte em si, eu acho que o que falta são as pessoas acreditarem: acreditar que a mulher é capaz de fazer melhor do que o homem; Acreditar que a mulher é capaz de fazer a mesma coisa que o homem; E acreditar que existem mulheres que poderiam ganhar o que os homens ganham. O que talvez o Neymar¹ ganha, o que o Ronaldinho Fenômeno² já ganhou ou hoje tem... E hoje em dia, na verdade, a gente só tem uma, que é mais ou menos compatível, que é a Marta³. Só uma. Eu gostaria de ver mais mulheres. Às vezes a gente vê em uma premiação, de uma à cinco: chinesas, francesas, americanas, russas, brasileiras... Mas eu acho que para o Brasil chegar num top de futebol feminino, acho que muita coisa tem que ser modificada... Principalmente: a postura, as atitudes, a forma de falar e de tratar o próximo, o outro, o que quer que seja.

C.F. – E você acha, por exemplo, falando sobre a imagem... Em 1997 e também 2001, acho que era o Campeonato Paulista⁴, quando as meninas com o cabelo curto tiveram que deixar o cabelo crescer, ir ao cabeleireiro, colocar maquiagem... Você falou que isso é importante, mas existe um linha de pressão onde o clube deve mandar elas fazerem isso? Como que você acha?

R.S. – Eu acho que poderia partir do clube sim. Eu acho que se as pessoas que estão na organização colocassem regras, entra e continua jogando quem quiser aceitar as regras, porque regras são regras. O que não dá é criar uma regra e você abrir uma exceção, você dizer que todo mundo tem que andar bem vestido, andar bem arrumado, penteado,

¹ Neymar da Silva Santos Júnior.

² Ronaldo Luís Nazário de Lima.

³ Marta Vieira da Silva.

⁴ Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

maquiado... E aí uma que não queira, por melhor que seja no futebol, não se enquadrar naquela regra que o clube propôs. Então eu acho assim: aquela pessoa que quiser estar junto com o grupo, porque para mim isso é uma equipe, vai se moldar de acordo com o grupo, vai seguir a linha do grupo. Eu tenho um exemplo para citar que são as meninas do Santos⁵, que quando eu via elas nas revistas, na internet, quando saíram... Como é que modifica o rosto de cada uma só de estar bem maquiada, estar com um cabelo bem tratado, bem arrumada. Então assim, eu acho que a partir do momento que eles lá dentro modificaram um pouco isso, o futebol no Santos também cresceu. Acabou por erro dos outros, mas nesse quesito foi muito mais visado. Para a mídia, eu acho que esse fator é muito importante.

C.F. – Acabou o Santos em 2012... Estava crescendo muito, ganhou a Copa Libertadores⁶, ganhou Campeonato Paulista e aí acabou. Parece que não tem nenhum clube grande hoje em dia para o futebol feminino. As pessoas estão falando que está em decadência, agora, o futebol feminino. O que você acha sobre isso, como acabou o Santos?

R.S. – Então, da mesma forma que acabou o Santos, eu estou até agora sem entender por qual motivo. Eu já passei por lá, já vivi, vivenciei várias coisas... Infelizmente, tem muitas coisas que eles prometem e eles não cumprem, então talvez, isso também seja um fator para ter acabado. E assim, eu acho que a partir do momento que as pessoas prometem algo, eu acho que o mínimo que elas podem fazer é cumprir. É da mesma forma que você coloca uma regra: se você impõe aquela regra, você espera que aquela pessoa cumpra a regra que você está colocando. Eu acho que o fator do Santos foi esse, quando acabou, foi por alguma coisa que eles pediram, solicitaram, e não foi cumprido. Ou, de repente, por algum outro erro e aí, só quem esteve lá, nesses anos todos, é que pode responder melhor. Mas eu acho que o que está acontecendo no futebol feminino é que as pessoas não estão levando a sério e não levam a sério a proporção que esse esporte representa. Porque nós somos o país do futebol, mas nós só vemos o lado dos homens. A gente tem tantas mulheres, tantas meninas hoje em dia, novinhas de 13, 14, 15 anos estourando, mas aqui não tem onde elas ficarem, não existe time. E aí tem que fazer um intercâmbio para a Espanha, para a Itália... Às vezes vai e não dá certo, volta. Eu acho que quem está organizando deveria fazer um

⁵ Santos Futebol Clube.

⁶ Copa Libertadores da América de Futebol Feminino.

quesito: educação, esporte, estrutura, seja ela financeira ou uma estrutura de corpo, de beleza, de estética... E levar um pouco mais à sério essa questão de dar um empurrão, de dar aquele pontapé para as coisas melhorarem. Mas aqui no Rio [de Janeiro], infelizmente, está ruim. O jogo está ruim aqui. Está mais fácil ir para o Paraná, e você ver 500 times disputando uma competição, do que você vir até o Rio e ver um campeonato carioca com quatro times.

C.F. – É difícil para as meninas acharem times para jogar? Há oportunidade para meninas?

R.S. – É difícil. Aqui é muito difícil. Aqui se existem times femininos acho que é o time da Marinha [do Brasil] hoje. O time do SEP⁷, que já teve uma grande equipe e não tem mais por falta de estrutura financeira e estrutura do próprio clube. E se eu não me engano, acho que o Vasco⁸. Acho que são só esses times que são os “tops” que disputam hoje alguma coisa aqui pelo Rio de Janeiro, representando o nosso Rio de Janeiro. E é difícil entrar, porque não tem estrutura. Então, por mais nova que seja, desanima, é desgastante, porque você gasta seu tempo, você gasta dinheiro... A família, que são aqueles que motivam, se desgasta também, e às vezes ficar batendo no mesmo lugar e nada modifica. Aí vai muito pelo meu lado, eu tentei, tentei, tentei, quando eu vi que não dava mais para ficar brigando, para ficar me estressando por uma coisa que eu via que não ia mudar naquele momento, eu peguei e me estruturei de uma outra forma. Peguei o futebol, me encaixei em colégios que eu pudesse estudar de graça, dos colégios eu fui para as faculdades e me formei. Eu utilizei o futebol como uma ferramenta para o meu estudo, para minha formação e para trabalhar com o que eu trabalho hoje em dia.

C.F. – Muito Legal. Há oportunidades para crianças, menininhas jogarem?

R.S. – Qual idade você quer?

C.F. – Há oportunidades para menininhas, tipo cinco, seis anos lugar para jogar?

⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁸ Vasco da Gama.

R.S. – É fácil e não é ao mesmo tempo. Os únicos lugares que existem para essas meninas até cinco anos ou até nove anos são as escolinhas de futebol. Só que muitas vezes elas chegam nas escolinhas, não tem um grupo de meninas, porque acaba sendo uma turma mista. Sempre tem mais meninos do que meninas. Aquelas que não têm tanta habilidade para o esporte, eu acho que elas ficam um pouco assustadas e acabam saindo. Mas aquelas que eu acho que já vêm de dentro, as que são do esporte no sangue, ficam muito bem. Eu trabalho em escolinha e eu tenho meninas que fazem aula. Tenho meninas de cinco e seis anos, tenho duas meninas, uma de cinco e uma de seis anos, tenho uma menina de onze e tem uma menina de treze que fazem escolinhas comigo. Mas assim, de oitenta meninos, eu tenho quatro meninas. É uma diferença muito grande.

C.F. – Então quase sempre elas precisam jogar com time misto? Não tem time de meninas, meninas, só meninas?

R.S. – Não, não tem. Não existe nem turma feminina, é turma mista, porque a procura é sempre maior pelos meninos. E as meninas que procuram são poucas mesmo. Pequeninha é muito difícil de entrar, porque muitos pais têm medo da bola, de machucar, não entendem que na escolinha existe um trabalho pedagógico para cada faixa etária. Eles acham que é só a questão do futebol, do jogo... E não é, tem todo um trabalho de coordenação motora, de desenvolvimento motor, psicomotricidade, interação com as outras pessoas, com as outras crianças. Os pais não entendem muito isso, então quando têm que colocar, acabam colocando tarde demais. E o tarde demais já é acima de dez anos de idade. Entendeu?

C.F. – Mas você acha que se tivesse oportunidades só com grupo de meninas, os pais aceitariam?

R.S. – Acho que sim. Se tivesse uma turma só feminina, com certeza, porque aí elas estariam atuando só com mulheres, então seria mais tranquilo, mais sensível, mais delicado nessa questão. Eu acho que os pais até incentivariam de outras amiguinhas irem e participarem e tudo mais. Mas o engraçado é que eu tenho essas quatro meninas e eu escuto das maiores e das menores a mesma coisa: desde pequenas, os pais, seja mãe ou o pai, no papel de homem, acham que no início elas têm que fazer ou natação ou balé. Elas

não precisam fazer o esporte, o futebol, desde o início. Então quando elas chegam para a gente, elas já chegam com a idade estourando: onze anos, doze, treze anos, e às vezes até para indicar para algum lugar, já passou da idade. Às vezes não pode jogar em nenhuma outra competição, porque já passou da idade. Mas eu acho que se as escolinhas, os projetos sociais, que existem hoje em dia, fizessem uma turma voltada só para meninas, eu acho que daria um público muito grande. E acredito que os pais incentivariam sim, com certeza.

C.F. – Eu acho muito interessante e foi uma das primeiras coisas que eu percebi quando cheguei no Brasil. Que eu nunca vi, por exemplo, não existe só um grupo de meninas de seis anos, só em termo de meninas, que existe em todo lugar lá nos Estados Unidos. Eu comecei jogar com seis anos, só com meninas, dos seis anos até os vinte só com meninas, nunca joguei com meninos.

R.S. – É para você ver, eu comecei a jogar com quatro anos e sempre joguei no meio de meninos. Eu estou com vinte e seis, faço vinte e sete na outra semana, e as coisas não modificaram. Olha quantos anos já se passaram! Então, ainda existem as meninas que jogam com os meninos. Iniciam cedo ou iniciam tarde, mas não existe um espaço só para elas. É o espaço “deles” com elas, é diferente.

C.F. – Você pode falar um pouco sobre palavra “guerreira”, que é muito falada no futebol feminino? O que significa ser guerreira?

R.S. – Ser guerreira? Para mim ser guerreira é ser o que eu sou, porque depois de tanta coisa que eu já passei, tantas perdas, mas também muitas alegrias. Eu acho que, só por eu ter conseguido fazer faculdade de novo com vinte e seis, eu já me considero uma guerreira. Eu acho que só sabe ser guerreiro quem passa por uma dificuldade. Quem nasce rico, permanece rico e morre rico não sabe o que é dificuldade. Mas quem nasce pobre, quem nasce em uma família mais ou menos, que sua para ter suas coisas. Que ganha um salário mínimo... Às vezes tem famílias com dez filhos e o pai só ganha um salário mínimo, a mãe fica em casa para poder cuidar das dez crianças. Ou até mesmo essas meninas que sofrem o preconceito, até mesmo a gente ainda sofre um preconceito com isso. Eu acho que quando a gente chega em um espaço e as pessoas não recebem bem, não nos recebem da maneira como devem receber, eu acho que isso já significa ser um guerreiro, ser uma guerreira.

C.F. – E no futebol feminino?

R.S. – O que essa palavra significa? No futebol feminino essa palavra significa muita coisa. Ela é global. Para mim, no futebol feminino, sofrer preconceito, passar por cima deles... Às vezes a gente faz uma peneira, um teste e não passa. Às vezes você vai no time do lado e você consegue passar. Às vezes você está numa competição e se lesiona, exatamente numa fase que você não quer se lesionar, se machucar, porque você está em uma fase da competição que está “bombando”, que são os melhores. Às vezes você ganha e perde dentro de campo. Eu acho assim, a palavra “guerreira” no futebol, eu acho que engloba tudo. Para dar o melhor exemplo de guerreira, hoje no futebol, para mim seria a Marta. Ela para mim é uma guerreira, uma pessoa que sempre viveu na miséria, não tinha nada. Conseguiu através do futebol vir para o Rio de Janeiro, jogou pelo Vasco, jogou por outras equipes que hoje eu não me lembro mais. Se desenvolveu no meio do futebol, cresceu, amadureceu, hoje é uma mulher. Não é perfeita, porque não existe uma pessoa perfeita, mas conquistou um espaço que muitas desejariam conquistar. E hoje ela se encontra numa linha ao lado de homens que eu acho que ela sonhou em um dia conhecer, em apertar a mão. Então eu acho que um símbolo de guerreira no futebol hoje é a Marta.

C.F. – Você acha que sua história como mulher, jogando futebol feminino no Brasil, é uma história que pode dar forças para as mulheres não só no futebol, mas fora do futebol? Por exemplo, guerreiras em outros lados, em outros cantos, como você acha que sua história pode ser... Ou se você acha sua história como guerreira no futebol, mulher no futebol, pode ser ouvida?

R.S. – Eu acho que o meu exemplo de profissional pode ajudar em todos os quesitos: seja uma dona de casa, uma mãe de família, um pai de família... Às vezes existem famílias que não existe a mãe, só existe o pai. Eu acho que pode ajudar essas crianças que estão vindo agora, nessa geração, que estão conseguindo ver o futebol crescer, se desenvolver cada vez mais. Seja pelo lado masculino ou feminino. A minha pessoa, a minha imagem, ajudaria na questão de não desistir de um sonho, porque eu sempre tive um sonho: ou de ser uma profissional no futebol ou de ser uma profissional em alguma área. Eu não consegui ser profissional no futebol, mas eu consegui ser profissional em uma área, que é a área de Educação Física. Nessa mesma área eu consigo ser feliz naquilo que eu sempre quis ser

como jogadora. Os meus incentivos são quando eu vejo exatamente isso: eu tenho alunos que olham para mim e dizem hoje que querem ser profissionais de Educação Física, não querem ser jogadores de futebol. Isso para mim é uma vitória. Eu me sinto uma guerreira nessa parte, porque se eu conseguir mexer com um pedacinho que existe dentro deles, que às vezes fica fechado, ferido, retraído por alguma coisa. Olha, quantas pessoas, eu, você, qualquer outra menina que seja do meio do esporte, ou até mesmo de uma outra área... Pode ajudar todas essas pessoas que têm uma dúvida, algum questionamento, que sofrem algum preconceito, que passam por alguma barreira. Então sim, a minha pessoa pode ajudar em todos os quesitos, seja um médico, uma mãe de família, como eu falei, um pai de família, acho que em todas as áreas.

C.F. – Muito legal. E você acha que meninas terem exemplos, não só de atletas, mas mulheres poderosas, exemplos como você, não só na mídia, qual é a importância disso? O que você acha?

R.S. – Então, como eu trabalho com crianças, eu acho que quando alguém, por menor que seja, ou por maior que seja, acaba sugando alguma coisinha positiva de você, isso já é de uma importância muito grande. Quando uma criança chega para mim e diz que gostaria de ser um professor de Educação Física, para mim, é um ganho muito grande. E quando um pai me vê trabalhando e no final do trabalho me diz que o meu trabalho foi exemplar, foi ótimo. Isso, para mim, também tem um ganho e uma importância muito grande. Porque se eu juntar a vontade de alguém que quer ser algo, que é a criança, e a vontade daquele que quis ser aquilo um dia e não conseguiu, é uma importância muito grande. Se nós conseguirmos trabalhar com essas duas coisas e sermos o referencial para fazer um lado positivo na história, eu acho que não tem importância maior. Acho que é a felicidade de quem trabalha com o esporte em si, em um todo. O importante é você transmitir para alguém, ou passar uma parte da sua vida, que você teve dificuldade ou superação. Se você conseguir tocar alguém em algum momento, eu acho que isso já é muito importante. Pode ser que hoje não faça muita diferença, mas talvez daqui há cinco, dez anos, aquela pessoa lembre de você e fale: “Caramba, naquele dia eu escutei tal pessoa falar isso e hoje está acontecendo comigo!” Ou então: “Eu já me espelhei em tal pessoa, olha onde eu cheguei!” Entendeu? Eu acho que isso é bem legal.

N.M. – Eu acho interessante isso que você falou das meninas se machucarem. Eu queria que você falasse dessa dificuldade, dessa frustração e da superação, pois este é um esporte que muitas vezes você não tem apoio. Quantas meninas você conhece que o sonho foi interrompido? E você acha que está melhorando isso ou não?

R.S. – Eu já vi muita gente se machucar e muita gente não voltar mais para o campo. De ter que parar realmente a carreira e ter que trabalhar com alguma outra coisa. Já vi meninas que já se machucaram e puderam voltar, porque tiveram pessoas para ajudar, tiveram apoio, seja ele familiar ou até mesmo do próprio clube. A minha opinião sobre isso é que, em qualquer lugar que você esteja jogando, independente do esporte, eu acho que deveria ter uma estrutura. Porque é muito difícil você se doar por aquele clube, por aquela equipe, por aquela pessoa que organiza e você se machucar e nem se quer a pessoa chegar e perguntar para você: “E aí, você está precisando de alguma coisa?” Seja uma caixa de remédios, seja um saco de gelo... Isso muitas vezes acontece. Muitas pessoas acabam lesionando o joelho, que é uma das partes principais do nosso corpo humano. O tornozelo, que é o que dá sustentação para o joelho que é a nossa base. E quando isso acontece, às vezes, as pessoas não conseguem nem operar. Eu conheço meninas que se machucaram há mais de cinco anos e até hoje nunca conseguiram se operar. Quer dizer, não voltaram mais para o esporte, nem para brincadeira, jogar uma peladinha aqui ou qualquer outra coisa. Por quê? Porque se machucaram e não tiveram recursos, porque na família não havia estrutura financeira, em relação à saúde, ter um plano de saúde. Se você for hoje em dia vai para um hospital público no Rio de Janeiro [o sistema] é precário. Eu acho que se a gente tivesse só um pouquinho de ajuda, de auxílio, já seria uma coisa ótima, mesmo se eu soubesse que não poderia nunca mais jogar. Eu poderia me machucar hoje, mas se eu tenho alguém para me apoiar, para me dar uma mão e falar assim: “Estou com você, vamos lá, vamos arranjar essa operação, vamos arranjar o tratamento da fisioterapia depois, vamos ver os remédios. O que você está precisando? Dar um apoio para a família...”. Mesmo se um dia eu não tivesse condições de voltar a atuar no esporte, eu me sentiria vitoriosa, porque alguém, no momento mais difícil da minha vida, pode me apoiar.

C.F. – Você quer fazer uma pergunta?

R.S. – Eu acho que eu já falei tudo.

C.F. – Você quer falar inglês?

R.S. – I don't speak English!

C.F. – Yes, you do! I know you do!

[FINAL DA ENTREVISTA]